

Tipo do artigo: Relato de Experiência

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR A PARTIR DE UMA VISITA TÉCNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriella de Assunção Oliveira Vidal¹; Kamilla Wenceslau Silva¹; Luisa Vitoria Souza Braga¹; Pedro Vitor Ferreira da Costa¹; Thainan Teodoro Leal¹; Maria Betânia de Andrade César (Orientadora)¹.

¹Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO), Goianésia, Brasil.

Resumo

Este relato descreve uma experiência de visita técnica realizada por estudantes de Psicologia na Escola Estadual Luiz Gonzaga Sobrinho, em Goianésia-GO, com o objetivo de observar a atuação do psicólogo escolar e integrar teoria e prática no contexto da formação acadêmica. A visita permitiu compreender como a Psicologia Escolar articula os saberes psicológicos com os processos pedagógicos, e como o psicólogo atua de forma colaborativa com professores, equipe escolar e famílias. Adotou-se metodologia qualitativa e descritiva, com observação participante e registro em diário de campo, além de entrevistas semiestruturadas com a diretora e a coordenadora pedagógica da escola. Os estudantes acompanharam a rotina escolar e dialogaram com a gestão, buscando compreender os desafios enfrentados pela instituição, especialmente na ausência de um psicólogo escolar. A experiência proporcionou reflexão crítica sobre o papel da Psicologia Escolar na promoção de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, observando-se a tendência de transformar dificuldades de aprendizagem e comportamento em “queixas escolares” medicalizadas — o que reforça a importância de uma atuação psicológica que vá além da escuta individual e promova a transformação do contexto institucional. A visita destacou, ainda, a necessidade de fortalecer os laços entre escola, família e comunidade, e de criticar modelos tradicionais de Psicologia Escolar centrados na patologização dos indivíduos. Por fim, reforça-se a necessidade de antecipar e ampliar as práticas de campo ao longo da formação em Psicologia, para além dos estágios obrigatórios finais.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Visita Técnica; Observação; Patologização.

1. INTRODUÇÃO

A prática relatada foi vivenciada no campo da Psicologia Escolar, área de atuação do psicólogo voltada a compreender e intervir nas dinâmicas do processo educativo, considerando as relações estabelecidas entre professores, alunos e equipe pedagógica. Historicamente, a Psicologia Escolar deslocou-se de um modelo centrado na avaliação e no diagnóstico individual do aluno — muitas vezes reduzindo as dificuldades de aprendizagem a supostos déficits psicológicos ou cognitivos da criança — para uma perspectiva institucional e relacional, que compreende o processo de ensino-aprendizagem como resultado de múltiplos fatores: pedagógicos, sociais, familiares e institucionais. É nessa perspectiva ampliada que se situa a presente vivência, cujo foco foi a observação da atuação da psicóloga escolar e a proposta de integrar teoria e prática no processo formativo.

A escolha dessa vivência se deu em razão de sua relevância para a formação em Psicologia, especialmente no que se refere à atuação em contextos escolares, campo que exige do futuro profissional não apenas domínio técnico, mas sensibilidade para lidar com a complexidade das relações humanas que atravessam o cotidiano da escola.

Durante a experiência, foi possível observar de forma concreta como a Psicologia Escolar se apresenta como campo de articulação entre os saberes psicológicos e os processos pedagógicos, conforme afirma Martínez (2010). Essa articulação implica reconhecer que o psicólogo escolar não atua “sobre” a educação a partir de um lugar externo a ela, mas constrói, junto com os educadores, um saber compartilhado sobre os processos de ensino e aprendizagem, os vínculos estabelecidos em sala de aula e as condições institucionais que favorecem ou dificultam o desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, como destacam Cassins et al. (2007), a atuação do psicólogo escolar envolve o trabalho conjunto com professores, equipe escolar, família e demais rede de apoio, contribuindo para a construção de estratégias que não apenas previnam dificuldades, mas promovam mudanças significativas no cotidiano escolar. Essa concepção rompe com a lógica da intervenção pontual e centrada no indivíduo, apontando para uma atuação de caráter preventivo, coletivo e institucional, na qual o psicólogo assume o papel de mediador entre os diferentes atores da comunidade escolar.

Durante a visita, foi possível observar como a atuação da psicóloga se desenvolvia de maneira colaborativa, buscando escutar os sujeitos, reorganizar práticas pedagógicas, intermediar conflitos e oferecer subsídios para a formação continuada dos educadores. Essa forma de atuação evidencia um deslocamento importante: o psicólogo escolar não se posiciona como aquele que detém a solução para os “problemas” trazidos pela escola, mas como um profissional que, por meio da escuta e da problematização, ajuda a instituição a construir suas próprias respostas.

Tal postura permitiu compreender a complexidade do fazer psicológico nesse ambiente, especialmente diante de desafios como a exclusão social, a medicalização dos comportamentos infantis e o enfraquecimento dos vínculos escolares — fenômenos que, quando não problematizados, tendem a individualizar e patologizar questões que são, em grande medida, de natureza social, pedagógica e institucional.

Assim, o objetivo deste relato foi refletir criticamente sobre o papel da Psicologia Escolar na promoção de uma escola mais acolhedora, justa e significativa, entendendo que a atuação do psicólogo não se limita à escuta individual, mas se estende à transformação do contexto institucional como um todo, em diálogo constante com os saberes da educação e com os sujeitos que compõem o cotidiano escolar.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de estudo: a experiência caracteriza-se por abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório, fundamentada na observação participante, conforme Minayo (2014), que descreve a pesquisa qualitativa como voltada ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações e dos processos que não podem ser reduzidos à quantificação de variáveis.

Cenário e período: a experiência ocorreu na Escola Estadual Luiz Gonzaga Sobrinho, instituição pública situada em Goianésia-GO. A visita técnica foi realizada em data previamente agendada, no turno matutino, com duração aproximada de 50 minutos.

Sujeitos e coleta de informações: participaram da atividade cinco integrantes do grupo, além da diretora e da coordenadora pedagógica da escola. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com a gestão escolar e observação participante, registradas em diário de campo, preservando-se a rotina escolar e a privacidade dos envolvidos.

Objetivos da experiência: observar a atuação do psicólogo escolar e integrar teoria e prática no contexto da formação acadêmica, compreendendo como a Psicologia Escolar articula saberes psicológicos e processos pedagógicos, e como o psicólogo pode atuar de forma colaborativa com professores, equipe escolar e famílias.

Aspectos éticos: não houve submissão do trabalho a Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por se tratar de atividade de ensino da disciplina de Psicologia Escolar e Educacional, com observação participante não interventiva, sem aplicação de instrumentos de avaliação psicológica. A visita foi previamente autorizada pela direção da escola. Não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa para geração de dados, imagens ou delineamento experimental deste trabalho.

3. RESULTADOS

A visita técnica foi realizada na Escola Estadual Luiz Gonzaga Sobrinho, em Goianésia-GO. Ao chegar à escola, os estudantes foram recepcionados pela coordenadora pedagógica e pela diretora da instituição, que apresentaram o funcionamento da rotina dos profissionais.

Foram conduzidas perguntas semiestruturadas com a diretora e a coordenadora, que compartilharam informações sobre o funcionamento da escola, os desafios enfrentados no cotidiano escolar, as demandas mais frequentes relacionadas à saúde mental e ao comportamento dos estudantes, e as dificuldades enfrentadas pela equipe na ausência de um psicólogo escolar atuante.

Essa escuta proporcionou uma compreensão mais concreta das reais necessidades da escola e contribuiu de forma significativa para as reflexões dos estudantes enquanto futuros profissionais da área, constatando a importância de o psicólogo escolar compor a equipe escolar para auxiliar no manejo das demandas relacionadas às dificuldades de aprendizagem, à prevenção de conflitos e ao desenvolvimento de campanhas educativas com alunos, familiares e a comunidade onde a escola está inserida.

Entre os principais achados, destacam-se: a ausência de um psicólogo escolar atuante na instituição; a sobrecarga da equipe pedagógica diante das demandas de saúde mental e comportamento; e a tendência de as dificuldades de aprendizagem e comportamento serem frequentemente transformadas em “queixas escolares”, tratadas de forma individualizada.

4. DISCUSSÃO

Como afirmam Siqueira et al. (2021), “o processo de medicalização na educação transforma um problema eminentemente pedagógico, social, em um problema médico, biológico” (p. 10), deslocando o foco das relações sociais e institucionais para o sujeito, como se este fosse o único responsável por seu desempenho escolar. Essa constatação converge com a proposta de Angelucci (2007), que defende uma atuação clínica frente à queixa escolar capaz de romper com a lógica patologizante, reconhecendo a escola e as relações institucionais como corresponsáveis pela produção das dificuldades muitas vezes atribuídas exclusivamente ao aluno.

A experiência mostrou que o psicólogo escolar deve atuar em parceria com professores e equipe pedagógica, contribuindo para o desenvolvimento de práticas inclusivas, prevenção de dificuldades escolares e reorganização das estratégias pedagógicas e aproximação da família e da comunidade com a escola.

Nesse sentido, Fonseca et al. (2018) destacam que “a atuação do psicólogo escolar junto aos professores frente à Educação Inclusiva foi percebida como benéfica, principalmente no que se refere a aspectos de evolução do aluno, mudanças atitudinais dos professores e diminuição de demandas direcionadas ao Serviço de Psicologia Escolar” (p. 429).

A análise teórica mostrou-se, ainda, essencial para compreender a função social da escola como espaço formativo e democrático. Conforme apontam Santos et al. (2010), a principal missão da instituição escolar reside na formação de cidadãos conscientes, capazes de compreender e refletir criticamente sobre a realidade circundante, tomando decisões autônomas e informadas sobre suas próprias vidas.

A vivência reforçou ainda a crítica ao modelo tradicional da Psicologia Escolar centrado na patologização dos sujeitos e na atuação individualizada, sendo urgente que o psicólogo escolar assuma posturas menos individualizantes e desenvolva práticas de natureza coletiva, envolvendo professores, famílias e comunidade como parceiros no processo educacional. Essa necessidade de transição é amplamente sustentada por Marinho-Araujo e Almeida (2016), que defendem uma atuação preventiva e institucional. Para as autoras, o psicólogo deve deslocar o foco do atendimento clínico-terapêutico individual para focar na assessoria ao trabalho pedagógico e na articulação de toda a comunidade escolar, promovendo o desenvolvimento e o sucesso acadêmico de forma coletiva.

Sua atuação deve também incentivar o fortalecimento dos laços entre escola, família e comunidade, promovendo a escuta coletiva e a criação de estratégias que favoreçam o pertencimento dos alunos ao espaço escolar. Essa articulação sistêmica encontra respaldo nos estudos de Silveira e Wagner (2009), que advertem que o sucesso do processo educacional depende da superação de barreiras de comunicação entre a instituição e os responsáveis. Para as autoras, a psicologia deve mediar o desenvolvimento de canais flexíveis e interativos de diálogo, integrando a comunidade como parceira corresponsável no desenvolvimento e acolhimento dos estudantes.

A ausência de um profissional atuante na escola observada revelou a fragilidade da rede de apoio e a carência de ações preventivas e formativas no cotidiano institucional, dialogando diretamente com as queixas levantadas pela gestão escolar sobre a sobrecarga dos professores.

Limitações da experiência: a investigação pontual decorreu de uma única visita técnica com duração aproximada de 50 minutos, sem o emprego de ferramentas avaliativas padronizadas, fator que delimita o aprofundamento dos dados. As impressões fundamentaram-se predominantemente nas perspectivas da direção e da coordenação pedagógica. A ausência de escuta direta junto ao corpo docente, discentes e núcleos familiares reduziu o escopo dos achados sobre a totalidade da dinâmica institucional.

Contribuições para a prática: a experiência reforça a urgência de superar o modelo tradicional de Psicologia Escolar centrado na patologização individual, promovendo práticas coletivas, preventivas e articuladas entre psicólogos, professores, famílias, comunidade e estudantes. Para a formação em Psicologia, evidencia a importância de expor estudantes, ainda na graduação, aos desafios reais da atuação institucional, favorecendo um

olhar crítico sobre a medicalização das dificuldades escolares e sobre o papel do psicólogo como articulador de redes de cuidado. A inserção em campo aproximou efetivamente os discentes da realidade cotidiana do ambiente escolar, enriquecendo o repertório formativo ao tensionar os conceitos acadêmicos com as demandas concretas do cotidiano escolar e ampliando os horizontes profissionais dos estudantes ao apresentar campos de atuação socialmente urgentes e pouco explorados pelos profissionais recém-formados.

5. CONCLUSÕES

Em suma, a experiência vivenciada cumpre um papel duplo ao evidenciar as potencialidades e os desafios da Psicologia Escolar. Como delimitação metodológica, reconhece-se que a inserção em campo se configurou como uma visita técnica isolada de aproximadamente 50 minutos e prescindiu de ferramentas formais de avaliação. O mapeamento institucional amparou-se predominantemente nos relatos emitidos pelas instâncias diretiva e pedagógica, sem a inclusão direta das vozes dos professores, estudantes ou familiares — o que circunscreve a abrangência das inferências sobre a totalidade do ecossistema escolar.

Diante do exposto, este relato sublinha a necessidade premente de que os projetos pedagógicos de graduação incorporem, de forma sistemática, uma carga horária prática mais expressiva e precoce nas disciplinas teóricas. Recomenda-se a implementação regular de estudos de caso reais, simulações de intervenção e imersões de campo contínuas ao longo da matriz curricular, evitando restringir o contato prático apenas aos estágios obrigatórios finais.

Essa aproximação orientada é fundamental para instrumentalizar o aluno frente às complexidades que enfrentará após formado, consolidando uma consciência crítica sobre as reais possibilidades da profissão. Dessa maneira, a universidade transcende a transmissão conceitual e cumpre o papel de preparar o futuro profissional para ocupar nichos de atuação alternativos com segurança técnica, ética e autonomia.

REFERÊNCIAS

- Angelucci, C. B. (2007). Por uma clínica da queixa escolar que não reproduza a lógica patologizante. In B. de P. Souza (Org.), *Orientação à queixa escolar* (pp. 353–378). Casa do Psicólogo.
- Cassins, A. M., De Paula Junior, E. P., Voloschen, F. D., Conti, J., Haro, M. E. N., Escobar, M., Barbieri, V., & Schmidt, V. (2007). *Manual de psicologia escolar-educacional*. Gráfica e Editora Unificado.
- Fonseca, T. S., Freitas, C. S. C., & Negreiros, F. (2018). Psicologia escolar e educação inclusiva: A atuação junto aos professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24(3), 427–440.
- Marinho-Araujo, C. M., & Almeida, S. F. C. de. (2016). *Psicologia escolar: Viabilizando intervenções críticas e institucionais* (4ª ed.). Alínea.
- Martínez, A. M. (2010). O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto*, 23(83), 39–56.
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGO_QuePodeFazer.pdf
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Santos, W. A., Santos, P. O., Santos, A., & Araújo, H. M. (2010). A função social da escola. In *Anais do IV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"*. Universidade Federal de Sergipe.
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10311/95/94.pdf>
- Silveira, L. M. O. B., & Wagner, A. (2009). Relação família-escola: Práticas educativas utilizadas por pais e professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(2), 283–291.
- Siqueira, D. L., Franco, G. R., & Lopes, P. N. (2021). *Orientação à queixa escolar: Medicalização da educação: Atendimento psicológico às queixas escolares*. Instituto de Psicologia da USP.

NOTA DE INFORMAÇÃO: as declarações, opiniões e dados contidos em todas as publicações são de exclusiva responsabilidade dos autores e colaboradores individuais, e não da instituição mantenedora deste periódico e/ou dos editores. A revista e/ou os editores se eximem de qualquer responsabilidade por danos a pessoas ou bens resultantes de ideias, métodos, instruções ou produtos mencionados no conteúdo.